

Artigos Originais

A formação de uma rede de solidariedade como estratégia de apoio ao futebol praticado por mulheres em meio a pandemia da covid-19¹

The construction of a solidarity network as a strategy to support women's football in the midst of the covid-19 pandemic

La formación de una red de solidaridad como estrategia de apoyo al fútbol femenino durante la pandemia del covid-19



Ana Laura Eckhardt de Lima

Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande do Sul, Brasil
analaura_eck@hotmail.com



Raquel Pereira Quadrado

Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande do Sul, Brasil
raquelquadrado@hotmail.com

Resumo: Este artigo objetivou analisar campanhas e ações em prol do futebol de mulheres desencadeadas durante a pandemia da covid-19. As análises apresentadas são fruto de um recorte de pesquisa que tomou os sites de notícias como local de produção de dados. Utilizando o buscador do Google, produzimos um levantamento de notícias a partir do termo “futebol feminino” no período entre fevereiro a dezembro de 2020 e realizamos a categorização temática para proceder com as análises. A partir dos

¹ Esta pesquisa recebeu apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) através do Programa Demanda Social. Este artigo trata-se um recorte da dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande.

conceitos de acontecimento (FOUCAULT, 2014) e bio(necro)política (GALLO, 2021), analisamos a emergência de uma rede de solidariedade como estratégia de apoio ao futebol praticado por mulheres através de campanhas e ações que visaram auxiliar a modalidade a mitigar os efeitos da pandemia da covid-19.

Palavras-chave: campanhas solidárias; futebol feminino; SARS-CoV-2.

Abstract: This article aimed to analyze social enterprises and actions that were triggered by the covid-19 pandemic, and supported women's football during the health crisis. The analyses discussed here are the outcome of a data analysis that considered relevant news websites as a place of data production. Using the Google search engine, we produced a news survey based on the term "futebol feminino" in the period between February and December 2020 and carried out the thematic categorization to proceed with the analyses. We employed the concepts of event (FOUCAULT, 2014) and bio(necro)politics (GALLO, 2021) to discuss the emergence of these networks, in order to help the sport to mitigate the effects of the covid-19 pandemic.

Keywords: solidarity enterprises; women's football; SARS-CoV-2.

Resumen: Este artículo tuvo como objetivo analizar las campañas y acciones de apoyo al fútbol femenino desencadenadas durante la pandemia del covid-19. Los análisis presentados son el resultado de un recorte de investigación que tuvo como lugar de producción de datos los sitios web de noticias. Utilizando el buscador de Google, elaboramos una encuesta de noticias en base al término "futebol feminino" en el período comprendido entre febrero y diciembre de 2020 y realizamos la categorización temática para proceder con los análisis. A partir de los conceptos de evento (FOUCAULT, 2014) y bio(necro)política (GALLO, 2021) analizamos el surgimiento de una red solidaria como estrategia de apoyo al

fútbol practicado por mujeres a través de campañas y acciones que pretendían ayudar a la modalidad a mitigar los efectos de la pandemia del covid-19. La movilización y el compromiso alrededor a estas campañas contribuyeron a mantener el deporte visible y vivo en la escena brasileña en medio de la crisis.

Palabras clave: campañas solidarias; fútbol femenino; SARS-CoV-2.

Submetido em: 2022-07-25

Aceito em: 2022-12-01

Introdução

A participação das mulheres no universo cultural do futebol remete à própria história desse esporte no país (ALMEIDA, 2020), o que significa dizer que as mulheres sempre estiveram presentes, de uma forma ou de outra, na modalidade. Essa participação era mais notável na assistência esportiva, mas, com o passar do tempo, elas foram conquistando visibilidade na própria prática em festas esportivas, picadeiros circenses e campos suburbanos, no período que antecede a proibição de 1941² (BONFIM, 2019), e, também, nas várzeas e nas praias, sendo essa presença intensificada no período de revogação da proibição, a partir da década de 1980 (ALMEIDA, 2020). Consequentemente, também será a partir desse período que teremos mais registros disponíveis sobre a história das mulheres no futebol.

De acordo com Caroline Almeida (2020), embora a lei que proibiu as mulheres de jogarem futebol no Brasil por quase 40 anos tenha sido revogada em 1979, isso não significou a “liberação” da prática. Sem a regulamentação da categoria, as mulheres podiam jogar futebol e organizar-se em equipes, porém a recém-criada Confederação Brasileira de Futebol (CBF) não só negava apoio a elas, como proibia qualquer disputa entre mulheres nos estádios ditos oficiais, como afirma a autora. Esse cenário passou por uma gradativa mudança a partir de abril de 1983, quando o Conselho Nacional dos Desportos (CND)³ regulamentou a modalidade no país (ALMEIDA, 2020).

Ainda assim, foram necessários mais de 30 anos para a entidade máxima do futebol brasileiro desenvolver uma política de inserção das mulheres no futebol. Isso porque, no início do ano de 2017, a CBF divulgou um novo Regulamento de Licenças de Clubes necessárias para a disputa das competições coordenadas pela entidade, assim como para a participação em competições continentais coordenadas pela Confederação Sul-Americana de

2 O futebol praticado por mulheres foi proibido no Brasil, no período entre 1941 a 1979. Essa proibição também se estendeu a outras modalidades esportivas como as lutas, polo, halterofilismo e beisebol (LIMA; QUADRADO, 2022, p. 11-12).

3 O Conselho Nacional dos Desportos (CND) foi extinto em 1993.

Futebol (CONMEBOL). Neste documento, a CBF exige que o clube requerente à licença deve contar com uma equipe principal de “futebol feminino” ou manter parceria/associação com um clube que possua uma equipe de futebol de mulheres (CBF..., 2017). Essa normativa passou a vigorar a partir de 2019, após um período de quase dois anos para os clubes realizarem as adequações.

Vale ressaltar, no entanto, que essa medida foi adotada após a Federação Internacional de Futebol (FIFA) introduzir o princípio da igualdade de gênero em seu Estatuto, divulgado no ano anterior (FIFA, 2016). No mesmo período, a CONMEBOL, no nível em que lhe compete, já havia publicado um novo regulamento de licenças tornando obrigatório aos clubes que desejassem participar das competições organizadas pela entidade a manutenção ou associação com uma equipe de “futebol feminino” (CLUBES..., 2016). Isso indica que o futebol praticado por mulheres, até muito recentemente, não tinha a atenção da principal entidade futebolística do país e que, quando a CBF passou a olhar para a modalidade, o fez em virtude de exigências de organizações superiores, como a CONMEBOL e a FIFA (MENDONÇA, 2019 apud GOELLNER, 2020).

A despeito dos anos de negligência da CBF com o futebol praticado por mulheres, a história delas no futebol brasileiro é recheada de títulos e conquistas. Silvana Goellner (2020) associa os bons resultados alcançados, em meio aos desafios impostos diariamente às mulheres que jogam futebol, a requisitos como amor, dedicação e resiliência. A resiliência, aliás, também foi identificada como uma possibilidade de adesão e permanência no futebol praticado por mulheres num estudo realizado por Carlos Borges, Simone Lopes, Claudia Alves e Fábio Alves (2006) com praticantes da modalidade na cidade de Viçosa-MG. Esse comportamento resiliente das mulheres que jogam futebol no Brasil talvez tenha ganhado novos contornos com a chegada da pandemia da covid-19, a qual assolou o mundo como um todo e teve desdobramentos importantes no futebol, sobretudo no futebol praticado por mulheres.

Em virtude das dificuldades impostas pela emergência sanitária, federações e confederações, assim como clubes e atletas,

tiveram de se reinventar para enfrentar as crises que afetaram o futebol. Com a paralisação dos campeonatos nacionais, muitos clubes perderam parte de suas receitas, seja com a bilheteria dos estádios, seja com os patrocinadores. Como identificou Rayne Oliveira, da *Revista AzMinas* (2021), mesmo com as obrigações impostas pelas entidades futebolísticas, a pandemia da covid-19 dificultou com que os resultados dessas medidas se concretizassem, e com a queda na receita dos clubes, as equipes femininas foram jogadas para escanteio, com salários atrasados e o encerramento de departamentos. No entanto, mesmo frente a esse cenário de crises imposto pela pandemia, observamos que as organizações esportivas do país não foram tão atuantes, como poderiam ser, para mitigar os efeitos da emergência sanitária no futebol de mulheres, fazendo emergir uma rede de solidariedade como estratégia de apoio à modalidade.

Diante do exposto, este artigo tem por objetivo analisar campanhas e ações em prol do futebol praticado por mulheres que foram desencadeadas durante a pandemia da covid-19. Este trabalho encontra-se organizado do seguinte modo: inicialmente, delineamos o contexto em que a pesquisa foi desenvolvida, a pandemia da covid-19, a partir dos conceitos de acontecimento (FOUCAULT, 2014) e bio(necro)política (GALLO, 2021); na sequência, apresentamos nossas decisões metodológicas; em seguida, desenvolvemos as nossas análises e pontuamos algumas considerações.

A pandemia da covid-19: entre o acontecimento e a bio(necro)política

A covid-19 (*coronavirus disease*) é uma síndrome respiratória aguda grave provocada pelo vírus SARS-CoV-2 da família dos coronavírus e foi responsável pela “pandemia da covid-19” ou “pandemia do coronavírus”, como ficou conhecida. O início da epidemia ocorreu em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan (China), mas foi em março de 2020 que a covid-19 foi caracterizada como, de fato, uma

pandemia⁴ pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Em função dessa emergência sanitária, novas e drásticas mudanças afetaram a vida de milhões de pessoas por todo o mundo. De medidas mais simples, como o uso de máscaras de proteção facial e a higiene das mãos com álcool em gel, a medidas mais extremas, como a restrição de circulação de pessoas em ambientes abertos e fechados, assim como o distanciamento e o isolamento social, passaram a ser adotadas numa tentativa de frear a disseminação do vírus.

Considerando a singularidade dessa emergência e sua capacidade de produzir efeitos, compreendemos a pandemia da covid-19 como um acontecimento. Para tanto, revisitamos aqui os sentidos que o termo assume para o filósofo francês Michel Foucault. Edgardo Castro (2009) distingue dois sentidos: acontecimento como novidade/diferença ou “acontecimento arqueológico”, que busca dar conta da novidade histórica; e acontecimento como prática histórica ou “acontecimento discursivo”, o qual persegue a regularidade histórica das práticas. Todavia, ambos os sentidos estão em relação, pois “as novidades instauram novas formas de regularidades” (CASTRO, 2009, p. 24). Conforme Castro (2009), para encontrar um equilíbrio entre o acontecimento como novidade e o acontecimento como regularidade, Foucault pensa essa relação assumindo as discontinuidades das regularidades, o acaso das suas transformações e a materialidade das suas condições de existência. A partir disso, o termo acontecimento assume outros dois sentidos: acontecimento como relação de forças e como “acontecimentalização”.

Para este trabalho, os sentidos de acontecimento como novidade histórica e “acontecimentalização” assumem centralidade. Com o primeiro, argumentamos que a pandemia da covid-19 é um acontecimento por se tratar da irrupção de uma singularidade histórica, ou seja, é uma novidade histórica, já que, em nossos tempos não havíamos vivenciado algo semelhante, de tamanho impacto sanitário, social, político e econômico e que repercutiu, de uma forma ou de outra, no mundo todo. Com o segundo sentido, “acontecimentalização”, buscamos fugir das explicações que

4 De acordo com o site da Organização Pan-americana da Saúde (OPAS, [202-]), “pandemia” é um termo que se refere à distribuição geográfica de uma doença, reconhecendo que existem surtos dessa doença em vários países e regiões do mundo.

atribuem a uma única causa a emergência de um acontecimento, assim como implica em uma fuga a continuidade histórica.

Nesse sentido, entendendo a pandemia da covid-19 como um acontecimento, podemos afirmar que ela produz outros acontecimentos, ao mesmo tempo em que reverbera de modos distintos em cada sociedade, em cada contexto e na vida de cada pessoa. Assim, não estamos e nunca estivemos num “mesmo barco”, como se ouviu muitas vezes ao longo do período pandêmico, pois compreendemos que as interseccionalidades entre gênero, raça/etnia, classe social, sexualidade, espaço geográfico, geração etc. acarretaram, e ainda acarretam, em experiências individuais para cada sujeito, embora algumas aproximações entre grupos que vivenciam situações similares possam ser possíveis.

Como nos diz Judith Butler (2020), o vírus nos trata por igual, nos coloca igualmente no risco de adoecer ou de perder alguém próximo, nos deixa em constante ameaça e nos mostra como a comunidade humana é igualmente frágil. A autora elenca, no entanto, uma série de ações que fizeram, e ainda fazem, com que o vírus “discrimine”, como ela pontua, ou seja, que fazem com que esse mesmo vírus afete alguns grupos mais do que outros. Como exemplo, Butler (2020) cita a incapacidade de estados e regiões em se preparar com antecedência quando do anúncio da circulação do vírus, o recrudescimento das políticas nacionais, o fechamento das fronteiras, o racismo (assim como a xenofobia) e a presença de um empresariado ávido para capitalizar o sofrimento global, como algumas das estratégias que testemunham como a desigualdade radical encontrou maneiras de se reproduzir e se fortalecer em territórios pandêmicos.

Nesse movimento, Butler (2020) nos move a pensar em duas direções, que longe de serem opostas, se complementam. Ao citar diferentes ações que potencializaram a crise global, assentada nas desigualdades mundiais, sobretudo sociais e econômicas, a autora foge das explicações que atribuem a uma única causa a irrupção da emergência sanitária e lança luz para acontecimentos dispersos no tempo que constituem o “acontecimento pandemia”, e que

também são efeitos desse acontecimento. Por outro lado, ao mencionar algumas estratégias adotadas por diversos Estados com vistas a contenção do vírus da covid-19 (estas modeladas pelos poderes entrelaçados do nacionalismo, do racismo, da xenofobia e do capitalismo, como destaca a autora), Butler (2020) nos provoca a pensar sobre o acionamento de tecnologias de poder, no qual se afirma o direito à vida de uns às custas da morte de outros.

Nesse sentido, o filósofo brasileiro Sílvio Gallo (2021) destaca que o que passamos a vivenciar no Brasil, a partir da emergência da pandemia da covid-19, é da ordem de uma novidade política, nomeada por ele como bio(necro)política, isto é, tecnologias necropolíticas operando no interior de uma biopolítica. O autor explica que vimos assumir-se como necessária a morte de algumas populações, sobretudo os/as idosos/as, os/as negros/as e os/as pobres, em nome da liberdade de comércio de circulação de outras pessoas, principalmente da classe média, jovens e brancos/as. Nessa lógica, as mortes são compreendidas como inevitáveis e, então, devem ser aceitas como o preço pago pelo bem-estar dos que sobrevivem e pelo equilíbrio econômico do país. Assim, na maquinaria bio(necro)política, “afirmação da vida para uns e afirmação da morte para outros são as duas faces de uma mesma moeda” (GALLO, 2021, p. 49).

Tirar a vida, no entanto, é apenas um modo de operação dessa tecnologia de poder, embora seja a mais brutal. A bio(necro)política também opera nas estruturas sociais por meio de uma morte simbólica ou assassinio indireto (FOUCAULT, 1999), expondo determinados grupos à morte, ao risco de morte ou adoecimento; expondo, ainda, a vida do/a outro/a a perigos diversos. Nesse sentido, desigualdades perversas ganharam novas nuances, principalmente no que diz respeito às mulheres e a forma com que pandemia da covid-19 afetou suas vidas. No futebol, no entanto, vimos emergir uma rede de solidariedade por meio de campanhas e ações destinadas às mulheres que jogam futebol e que foram afetadas pela crise sanitária como uma estratégia de apoio à modalidade no cenário nacional.

Decisões metodológicas

Os dados e as análises apresentadas neste artigo compõem uma pesquisa de mestrado que tomou os sites de notícias como local de produção de dados. Diante disso, nossa primeira decisão de método compreendeu a escolha dos descritores a partir dos quais realizamos as buscas na internet. Optamos por produzir nosso levantamento a partir do descritor “futebol feminino”, por entender que as relações possíveis entre as mulheres e o futebol são (re)produzidas nas mídias por meio deste termo, com o intuito de distinguir o futebol praticado por mulheres do futebol praticado por homens.

A partir desta decisão, lançamos o termo “futebol feminino” na aba do Google e aplicamos o primeiro filtro, direcionando os resultados para as notícias, as quais constituíram o nosso interesse de pesquisa. Diante do grande volume de notícias com o qual nos deparamos, recorreremos às ferramentas do Google para aplicar novos filtros e personalizar um intervalo mensal para as buscas. Importante salientar que esse levantamento foi produzido ao longo dos anos de 2020 e 2021. O período investigado foi de fevereiro a dezembro de 2020, tomando como referência o primeiro caso confirmado da covid-19 pelo Ministério da Saúde no Brasil, em 26 de fevereiro de 2020, e a finalização do principal campeonato da modalidade (Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino A1). Como forma de registro, criamos uma planilha no Excel com as seguintes informações: data da pesquisa no Google, data da notícia, título da notícia, site em que foi publicada e link de acesso.

Das 1.976 notícias sobre “futebol feminino” que constam em nosso levantamento inicial, 500 notícias foram excluídas por se tratarem de notícias internacionais, notícias em vídeos e *podcasts* e notícias disponíveis apenas para assinantes, além daquelas em que a URL não estava mais disponível e as que o futebol de mulheres era apenas citado, como pano de fundo para outro assunto. Assim, constituíram nosso interesse de pesquisa as notícias que falavam sobre o futebol praticado por mulheres no Brasil, divulga-

das em formato escrito e de acesso livre. Desse modo, das 1.476 notícias restantes emergiram 12 eixos de análise. Devido ao grande volume de material empírico, optamos por dedicar nosso recorte analítico ao eixo 5, intitulado “Acontecimento pandemia da covid-19”. Essa decisão se ancora na compreensão de que a pandemia é um acontecimento em sentido foucaultiano, como discutido no tópico anterior, e, também, por esse eixo ser o segundo com o maior número de notícias, 368 ao total.

Em virtude da quantidade de notícias e da diversidade de assuntos que compõem esse eixo, procedemos uma nova categorização temática da qual emergiram 8 categorias de análise. Desse modo, esse artigo foi produzido a partir de um recorte de dados da categoria 7, intitulada “Ações e campanhas solidárias”. Neste trabalho, analisamos as notícias que abordavam ações e campanhas que tinham como alvo as jogadoras de futebol ou clubes de futebol de mulheres. A partir da seleção das notícias, realizamos a leitura de cada uma e elaboramos pequenos resumos sobre o assunto abordado. No caso em que a notícia apresentava um artigo de opinião, optamos por mantê-la na íntegra para as análises, que serão apresentadas no tópico a seguir.

A solidariedade como estratégia de apoio ao futebol de mulheres

Diante das crises desencadeadas ou potencializadas pela pandemia da covid-19, destacamos, a partir dos sites de notícias, o aparecimento de campanhas e ações solidárias em prol das mulheres que jogam futebol, sobretudo àquelas que enfrentaram dificuldades para manter suas necessidades básicas de sobrevivência. Assim, num primeiro momento, observamos a emergência de campanhas que tinham por objetivo a arrecadação e a doação de alimentos para atletas e suas famílias.

Nesta seara, a primeira iniciativa identificada foi cearense, como noticiado pelo site Diário do Nordeste e escrita por Vladimir

Marques (2020). Jogadores e jogadoras das equipes do Ceará e do Fortaleza se uniram em uma ação idealizada pelo Sindicato dos Atletas de Futebol do Estado do Ceará (SAFECE) e contribuíram com cerca de 150 cestas básicas, as quais foram doadas a outros/as atletas de futebol, entre homens e mulheres, que estavam sem clube naquele momento.

Em seguida, foi a vez da Federação Paraense de Futebol (FPF) que, em parceria com o governo do Pará, promoveu a entrega de cestas básicas para as equipes de futebol de mulheres e categorias de base do estado. A solidariedade também se estendeu à arbitragem, gandulas e maqueiros que trabalham nos dias de jogos (RELVAS, 2020). O clube do Remo-PA também adotou uma ação própria de distribuição de cestas básicas para seus/suas atletas das categorias de base e do futebol feminino. A arrecadação das doações foi realizada na segunda edição do “Remo Live Fest”, em parceria com o clube Tuna Luso Brasileira, conforme o site GE (REMO..., 2020).

A solidariedade também tomou conta dos campos do Rio de Janeiro através da equipe do Flamengo-RJ, que organizou a campanha *Nação Solidária* e apoiou atletas das séries B1 e B2 do Campeonato Carioca, trabalhadores/as informais do Maracanã e moradores/as de comunidades carentes, sendo estendida, posteriormente, às jogadoras que atuam na equipe do Gremínio Futebol Clube-RJ. A campanha, que ocorreu em parceria com o SOS Favela/Viva Rio⁵, realizou a entrega de vale-alimentação no valor de R\$ 80,00 e álcool em gel a 20 jogadoras da equipe do Gremínio. Também foi doada uma camisa do Flamengo autografada, a qual poderia ser leiloada pelo time, segundo noticiou o site Lance (CAMPANHA..., 2020).

Observamos que, além da solidariedade, essas campanhas têm em comum a preocupação com as necessidades básicas das jogadoras, como já mencionado. Muitas passavam por dificulda-

⁵ A SOS Favela é uma rede solidária que tem por objetivo minimizar os efeitos da pandemia sobre a população em situação de fome e pobreza extrema, centrando suas ações na distribuição de alimentos entre famílias em insegurança alimentar, com destaque para jovens mães e gestantes, conforme menciona o site da organização. Disponível em: <http://sosfavela.org.br/>. Acesso em: 29 jun. 2022.

des financeiras antes da chegada da pandemia e de seus efeitos (FOUCAULT, 2014), mas tiveram a situação agravada com a emergência sanitária e o acionamento das tecnologias bio(necro)políticas (GALLO, 2021) em território brasileiro. A formação de uma rede de solidariedade, assim, pode ser compreendida como uma estratégia para minimizar a violência simbólica que expõe essas mulheres ao risco, ao perigo e ao sofrimento dos tempos pandêmicos, quando não torna possível a manutenção de condições mínimas para o enfrentamento deste acontecimento.

As campanhas também se destinaram aos clubes de futebol que passaram a enfrentar crises financeiras em seus departamentos, as quais reverberaram ainda em suas atletas. Situações que já eram difíceis antes da pandemia da covid-19 foram potencializadas pela emergência sanitária, como no caso da equipe do Iranduba, do Amazonas. Para tanto, um grupo composto por dez mulheres engajadas com o “futebol feminino” criou a campanha “Avante Hulk”, como é popularmente conhecida a equipe, a qual visou arrecadar doações para o clube por meio de sorteios de camisas oficiais (AZEVEDO, 2020). Vale lembrar que o Iranduba foi destaque em 2017, quando mais de 25 mil pessoas compareceram à Arena da Amazônia para assistir ao jogo Iranduba X Santos na semifinal do Campeonato Brasileiro Série A1 (COM PÚBLICO..., 2017). No entanto, a equipe já vinha enfrentando uma crise financeira desde 2019, em função de problemas com a patrocinadora máster Vegan Nation (AZEVEDO, 2020), e que foi agravada com a paralisação dos campeonatos.

A equipe do Vitória, da Bahia, também enfrentou uma situação financeira delicada em 2020, mobilizando um grupo de torcedores/as a criar uma campanha para ajudar as jogadoras. Em maio, algumas atletas denunciaram atraso de três meses no pagamento das ajudas de custo. Isso mobilizou a torcida Frente Vitória Popular, que criou a campanha *Eu apoio as leas* para arrecadar recursos para as jogadoras, visando a autocontenção do time e o auxílio para as despesas das atletas (TORCIDA..., 2020). O dinheiro foi arrecadado por meio da venda de camisetas com temas relacio-

nados ao Leão, como o clube é popularmente conhecido, e dividido entre as 27 jogadoras. Os recursos seriam destinados para ajudar na manutenção da equipe, assim como para contribuir com as despesas, como deslocamento, alimentação, equipamentos etc., uma vez que, devido à pandemia, as atletas haviam sido afastadas do clube e estavam passando por dificuldades (GALDEA, 2020).

Vale lembrar que a equipe do Vitória compunha, na época, a elite do futebol brasileiro, tendo recebido uma ajuda de R\$ 120 mil da CBF destinada a todos os clubes da Série A1 do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, mas, ainda assim, as jogadoras tiveram os salários atrasados. O presidente do clube, Paulo Carneiro, chegou a declarar, em uma entrevista divulgada pelo site GE, que “fazia com o dinheiro o que quisesse” (BARLEM, 2020, n. p.) e que assumiria as responsabilidades perante o conselho fiscal, afirmando que o clube possuía outros problemas e que não estava preocupado com o futebol feminino (BARLEM, 2020), evidenciando o descaso do clube com a modalidade.

Outro clube que contou com a solidariedade foi o Íbis, de Pernambuco. De acordo com a reportagem escrita por Júlia Rodrigues para a Folha de Pernambuco, a equipe tinha o objetivo de angariar o máximo de recursos possíveis por meio de uma “vaquinha” *online* para viabilizar a participação no Campeonato Pernambucano de 2020, sendo os valores arrecadados destinados ao pagamento de transporte, alimentação, inscrições e transferências de atletas. Além disso, outra dificuldade enfrentada pela equipe foram as despesas com os testes rápidos para a detecção da covid-19, exigidos quando do retorno presencial das atividades. Importante ressaltar que as atividades do departamento feminino não são remuneradas e a equipe também não possuía patrocinadores/as para o pagamento das despesas do time. Quem arcava com o custeio da equipe era o treinador e coordenador do departamento feminino, Cristiano Recife, com a ajuda dos/as familiares e das próprias atletas, além do executivo do clube, Ozir Ramos (RODRIGUES, 2020).

Já em Minas Gerais, a equipe do Ipatinga precisou “ir para o sinal”⁶ pedir dinheiro quando do retorno das competições. Disputando o Campeonato Mineiro, o Ipatinga não possuía recursos para viajar à capital do estado, Belo Horizonte, para um confronto contra a equipe do América. A solução encontrada pelo time foi sair às ruas para pedir dinheiro dois dias antes do jogo. Conforme relatou a coordenadora e treinadora da equipe, Kethleen Azevedo, à reportagem de Laura Rezende e Leonardo Almeida para o site GE, as dificuldades financeiras enfrentadas pelo Ipatinga passavam por deslocamento, hospedagem e alimentação, até os exames para detecção da covid-19. Além disso, as jogadoras da equipe mineira não recebem salários, apenas algumas atletas recebem ajuda de custo. Quanto aos patrocínios, são em forma de permuta, como academia e fisioterapia (REZENDE; ALMEIDA, 2020). Para a sequência do campeonato, a equipe do Ipatinga precisou criar uma “vaquinha” *online* com o objetivo de arrecadar recursos para custear as despesas com a competição.

A situação compartilhada por esses clubes, dentro das peculiaridades e particularidades de cada um, evidencia o descaso da entidade máxima do futebol brasileiro com o futebol praticado por mulheres. Vale salientar que a CBF realizou um repasse de verbas aos 52 clubes que disputam o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, sendo R\$ 120 mil reais para cada uma das equipes da Série A1 e R\$ 50 mil reais para cada uma das equipes da Série A2. Esses mesmos valores foram os destinados às Séries C e D do futebol praticado por homens, respectivamente. Ou seja, ainda em se tratando da elite do futebol praticado por mulheres, o auxílio recebido se equivale àquele destinado à 3ª e 4ª divisão do futebol masculino.

Outro ponto a ser destacado é que a CBF não impôs condições para o uso do dinheiro, nem exigiu contrapartida das equipes, apenas informou que o montante equivaleria à média de duas folhas salariais dos/as atletas de cada competição (CBF, 2020), abrindo

⁶ “Ir para o sinal” é uma expressão usada quando pessoas vão às ruas, próximo aos semáforos, para pedir doações ou vender produtos para os/as motoristas que param seus veículos quando o sinal está vermelho.

brechas para inúmeros problemas no repasse do dinheiro às jogadoras, como ocorrido, por exemplo, com a equipe do Vitória-BA, aqui já mencionada. Nesse sentido, compreendemos que enquanto gestora do futebol no país, caberia à CBF ser vigilante com a situação financeira das equipes, para que o futebol de mulheres não sofresse retrocessos em tempos pandêmicos. Para isso, além de destinar verbas para alguns clubes, é preciso acompanhar se os recursos chegam ao destino. Como pontua Ana Thaís Matos (2020, n. p.): “afinal, no futebol brasileiro o problema não é só financeiro, é de gestão (como está bem claro com a situação de dezenas de clubes)”.

Assim, ter um plano de ações coordenado com as federações e os clubes, bem como possuir comissão própria para acompanhar o desenvolvimento da modalidade, com um conselho técnico, ético e financeiro específico e um departamento formado com profissionais que conhecem as especificidades do ramo, como reivindica Matos (2020), seriam estratégias para mitigar os efeitos do “acontecimento pandemia” (FOUCAULT, 2014) no futebol praticado por mulheres. Neste contexto, observamos que a formação de uma rede de solidariedade envolvendo atletas, torcedores/as e algumas federações de futebol foi uma estratégia para manter a modalidade visível em tempos pandêmicos. Importante salientar que a solidariedade no futebol praticado por mulheres extrapola as reportagens aqui apresentadas, estando presente no dia a dia da modalidade. No entanto, esta ganhou novos contornos com a emergência da pandemia da covid-19.

Entendemos, ainda, que a mobilização e o engajamento em torno das campanhas, seja de jogadoras, torcedoras/es, dirigentes ou federações, não permitiu que a modalidade caísse, uma vez mais, nas zonas de sombras. Além disso, compreendemos que a resiliência assumiu, nestes tempos, um papel importante, uma vez que muitas mulheres que jogam futebol no Brasil são capazes de desenvolver essa capacidade, individualmente ou no grupo em que convivem, como uma possibilidade de permanecer no esporte. Ser resiliente em tempos pandêmicos e em meio a tantas crises que emergiram como efeito do “acontecimento

pandemia” e do acionamento das bio(necro)políticas talvez tenha sido a linha que costurou essa rede que manteve vivo o futebol praticado por mulheres no país.

Referências

ALMEIDA, C. S. de. Nas praias e nas várzeas: o movimento de retorno do Futebol Feminino entre os fins da década de 1970 e início de 1980. *In*: KESSLER, C. S.; COSTA, L. M. da; PISANI, M. da S. (org.). **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria: Editora UFSM, 2020. *E-book*. p. 263-298.

AZEVEDO, L. Avante Hulk: campanha criada por grupo de dez mulheres em prol de arrecadar doações. **Acrítica.com**. [s. l.], 16 jun. 2020. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/esportes/news/avante-hulk-campanha-criada-por-grupo-de-dez-mulheres-em-prol-de-arrecadar-doacoes>. Acesso em: 25 maio 2022.

BARLEM, C. Presidente do Vitória diz que “faz com o dinheiro o que quiser” sobre repasse da CBF ao feminino; diretor jurídico afirma que foi desabafo. **GE**, Rio de Janeiro, 15 jun. 2020. Dona do Campinho. Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/dona-do-campinho/post/2020/06/15/presidente-do-vitoria-diz-que-faz-com-o-dinheiro-o-que-quiser-sobre-repasse-da-cbf-ao-feminino-diretor-juridico-diz-que-foi- apenas-desabafo.ghtml>. Acesso em: 20 maio 2022.

BONFIM, A. F. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). 2019. 217 f. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

BORGES, C. N. F.; LOPES, S. M.; ALVES, C. A.; ALVES, F. P.
Resiliência: uma possibilidade de adesão e permanência na prática do Futebol Feminino. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 105-131, jan./abr., 2006.

BUTLER, J. El capitalismo tiene sus límites. *In*: AMADEO, P. (ed.). **Sopa de Wuhan**: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. 1. ed. [S. l.]: ASPO, 2020. p. 59-65.

CAMPANHA 'Nação Solidária' do Flamengo ajuda atletas do futebol feminino do Rio de Janeiro. **Lance**, Rio de Janeiro, 8 ago. 2020. Disponível em: <https://www.lance.com.br/flamengo/campanha-nacao-solidaria-ajuda-atletas-futebol-feminino-rio-janeiro.html>. Acesso em: 15 maio 2022.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault** – um percurso por seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CBF anuncia medidas de apoio financeiro aos clubes e federações. **CBF**. [S. l.], 6 abr. 2020. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/cbf-anuncia-medidas-de-apoio-financeiro-aos-clubes-e-federacoes>. Acesso em: 14 out. 2021.

CBF divulga Regulamento de Licença de Clubes. **CBF**. [S. l.], 9 fev. 2017. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/cbf-divulga-regulamento-de-licenca-de-clubes>. Acesso em: 14 out. 2021.

CLUBES precisarão manter equipes femininas para jogar Libertadores. **GE**, Rio de Janeiro, 30 set. 2016. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/libertadores/noticia/2016/09/clubes-terao-que-ter-times-femininos-partir-de-2019-para-jogar-libertadores.html>. Acesso em: 3 fev. 2022.

COM PÚBLICO histórico, Santos bate Iranduba nas semis do Brasileiro feminino. **GE**, Manaus, 29 jun. 2017. Disponível em:

<https://ge.globo.com/am/futebol/noticia/com-publico-historico-sereias-batem-iranduba-e-abrem-vantagem-nas-semis.ghtml>. Acesso em: 20 maio 2022.

FIFA. **FIFA Statutes**. Zurich, Switzerland: FIFA, 2016. Disponível em: <https://digitalhub.fifa.com/m/5eb2b45e547ff39f/original/nd-fxogwkoukoe4dm3uk0-pdf.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2022.

FOUCAULT, M. **Em defesa da Sociedade**: Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GALDEA, J. G. 'Apoie as Leas': torcedores vendem camisas para ajudar jogadoras do Vitória. **Correio**, [s. l.], 8 jun. 2020. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/apoie-as-leas-torcedores-vendem-camisas-para-ajudar-jogadoras-do-vitoria/>. Acesso em: 25 maio 2022.

GALLO, S. Um duplo contágio, ou contágios múltiplos: do governo pelo vírus e de lutas de resistências. *In*: COELHO, P. A. (org.). **O mundo pós-pandemia**: retorno à "normalidade distópica"? – Reflexões libertárias. São Paulo: Intermezzo, 2021. p. 31-60.

GOELLNER, S. V. Futebol de Mulheres: histórias, memórias e desafios. *In*: MARTINS, M. Z.; WENETZ, I. (org.). **Futebol de mulheres no Brasil**: desafios para as políticas públicas. Curitiba: Editora CRV, 2020. *E-book*. n. p.

LIMA, A. L. E. de; QUADRADO, R. P. Mulheres, futebol e práticas de resistência: dialogando com conceitos foucaultianos. *In*: SILVEIRA, J. (org.). **Olhares Contemporâneos**: Diversidade, Gênero, Sexualidade. Formiga: Editora Real Conhecer, 2022. v. 2, p. 8-17.

MARQUES, V. Futebol cearense adota solidariedade durante pandemia. **Diário do Nordeste**, [s. l.], 31 mar. 2020. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/jogada/futebol-cearense-adota-solidariedade-durante-pandemia-1.2228828>. Acesso em: 25 maio 2022.

MATOS, A. T. Sem controle da CBF, futebol feminino fica nas mãos da má gestão dos clubes. **GE**, Rio de Janeiro, 11 maio 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/blog-da-ana-thais/post/2020/05/11/sem-controle-da-cbf-futebol-feminino-fica-nas-maos-da-ma-gestao-dos-clubes.ghtml>. Acesso em: 18 out. 2021.

OLIVEIRA, R. Times encerrados e salários atrasados: os efeitos da pandemia no futebol feminino brasileiro. **Revista AzMina**, [s. /], 29 jun. 2021. Disponível: <https://azmina.com.br/reportagens/times-encerrados-e-salarios-atrasados-os-efeitos-da-pandemia-no-futebol-feminino-brasileiro/>. Acesso em: 14 set. 2021.

OPAS. **Histórico da pandemia de COVID-19**. [S. /], [202-]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 6 jun. 2022.

RELVAS, F. Federação Paraense de Futebol entrega cestas básicas para as categorias de base e feminino. **Zé Dudu.com.br**, [s. /], 26 maio 2020. Disponível em: <https://www.zedudu.com.br/federacao-paraense-de-futebol-entrega-cestas-basicas-para-as-categorias-de-base-e-feminino/>. Acesso em: 25 maio 2022.

REMO distribui cestas básicas para atletas do futebol feminino e categorias de base. **GE**, Rio de Janeiro, 15 jun. 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/pa/futebol/times/remo/noticia/remo-distribui-cestas-basicas-para-atletas-do-futebol-feminino-e-categorias-de-base.ghtml>. Acesso em: 15 maio 2022.

REZENDE, L.; ALMEIDA, L. Atletas do Ipatinga pedem dinheiro em sinal para disputa do Mineiro Feminino: “Não é vitimismo, é necessidade”. **GE**, Rio de Janeiro, 28 nov. 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/atletas-do-ipatinga-pedem-dinheiro-em-sinal-para-disputa-do-mineiro-feminino-nao-e-vitimismo-e-necessidade.ghtml>. Acesso em: 25 maio 2022.

RODRIGUES, J. À sombra do futebol, Íbis recorre à ‘vaquinha’ para sobreviver. **Folha de Pernambuco**, [s. /], 25 jun. 2020. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/esportes/a-sombra-do-futebol->

-ibis-recorre-a-vaquinha-para-sobreviver/144937/. Acesso em: 25 maio 2022.

TORCIDA do vitória organiza campanha para ajudar atletas do time feminino. **GE**, Rio de Janeiro, 11 jun. 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/ba/futebol/times/vitoria/noticia/torcida-do-vitoria-organiza-campanha-para-ajudar-atletas-do-time-feminino.ghml>. Acesso em: 20 maio 2022.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.